

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

SANS, I. M. — MUÑOZ PALACIOS, R. e outros: *La iglesia, Sacramento de Libertad* ("Teología-Deusto", 1), 210 pp., 22 x 15 cm, Universidad de Deusto — Mensajero, Bilbao, 1972.

A Universidade de Deusto, através da sua Faculdade de Teologia, começa com este volume a publicação de uma nova coleção, com certas características de revista, embora sem periodicidade fixa. Este primeiro número está dedicado a um tema monográfico: estabelecer o conteúdo da salvação cristã; determinar a relação entre fé cristã e temporalidade no campo específico da liberdade.

Cada autor procura uma abordagem diferente: bíblica (Scheifler), teológica (Armendáriz), eclesial (Perea), homilética (Goenaga), jurídica (Arza) e secular (Muñoz Palacios). Como se podia esperar numa obra em colaboração, onde cada autor conserva a sua liberdade de expressão e investigação, as conclusões dos diversos trabalhos não coincidem por completo. Todos estão de acordo em atribuir um papel próprio à Igreja na defesa e promoção da liberdade, mas esse acordo vai diminuindo na medida em que pretendem concretizar um programa de ação. Este livro é um bom exemplo de um sadio pluralismo no seio de uma Faculdade de Teologia.

O primeiro número da Coleção "Teologia de Deusto" constitui-se assim num estímulo para o diálogo intra-eclesial. Talvez lido no contexto latino-americano, possa parecer excessivamente moderado, mas creio que os seus autores lançam bases seguras para um avanço ulterior.

J. Hortal

AUBERT, Jean-Marie: *Moral Social Para Nuestro Tiempo*, versão castelhana de Francisco Herrero Martins, 208 pp., 14,1 x 21,6 cm, Editorial Herder, Barcelona, 1973.

Apresenta-se neste livro um resumo da doutrina social da Igreja. Os problemas tratados são essencialmente de ordem económica, elaborados em "função de sua dimensão humana global". Trata-se de uma condensação de uma obra mais volumosa publicada em Paris em 1972 e que se intitula "Pour une théologie de l'âge industriel". Estuda o autor a situação do homem na economia moderna, as relações entre a Igreja e a sociedade, a promoção da justiça num mundo dividido e por fim os problemas morais que se colocam pelos fatores da atividade económica. É uma obra que merece ser adquirida por todos aqueles que se interessam pelos problemas ético-sociais.

L. M.

POST, Werner: La Crítica de la Religión en Karl Marx, tradução espanhola do original alemão de Rufino Jimeno, 333 pp., 21 x 14 cm, Editorial Herder, Barcelona, 1972.

Quando Karl Marx proclama, nos anos de 1943/44, o fim da era cristã burguesa, está convencido que com isto está também liquidada a crítica da religião. Ele pensava que com o capitalismo morreria também o cristianismo, por ser uma de suas mais eficazes ideologias. Contrariando esta profecia, em nossos dias cristãos e marxistas voltaram a dialogar.

Ambos os grupos experimentaram profundas transformações, como consequência dos resultados da pesquisa intensa realizada sobre a crítica da religião de Marx. Estes resultados afetaram a uns e outros. Os cristãos reconhecem haver incorrido em fatídicos compromissos com a sociedade, enquanto os marxistas se desprendem dos dogmatismos da profecia histórica, que foram relativizados pela experiência.

Além de expor esta relação, o livro de Werner Post mostra como a teologia e a filosofia, tão habituadas em outros tempos a argumentar à maneira da filosofia da ilustração, se vêem forçadas pela crítica de Marx a reconhecer como problema fundamental do presente a relação entre teoria e prática e a ocupar-se a fundo com ela.

A discussão teológica do marxismo, afirma Post na conclusão do seu livro, não pode contentar-se com alegar argumentos positivos contra a crítica religiosa (de fato insustentável) de seu autor, mas deve antes de tudo examinar até que ponto têm relevância para o cristianismo os fundamentos da doutrina de Marx, como são a crítica das circunstâncias econômicas na sociedade burguesa capitalista, a crítica das ideologias e a teoria das revoluções.

Werner Post, nascido em 1940, é professor auxiliar da Escola Pedagógica Superior da Renânia, secção de Bonn.

Matias Martinho Lenz

Os Cursilhos se renovam. Documentos do III Encontro Latino-Americano de Itaici (Coleção "Cursilhos de Cristandade", n.º 2), tradução do original espanhol da Abadia de N. S.ª das Graças, 256 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1973.

O primeiro volume desta Coleção, feita sob a orientação do Secretário do Nacional dos Cursilhos de Cristandade no Brasil, foi o "Ideário". A utilidade da presente publicação é evidente, e seu conteúdo documental não pede aqui uma crítica, mas apenas uma apresentação. O 1.º documento analisa "os postulados essenciais do movimento", entendendo-se por "postulado" "aquilo que aflora espontaneamente aos lábios dos que conhecem" uma certa realidade, "aquilo que todos aceitam sem discussão". O 2.º documento apresenta "linhas gerais por onde deve caminhar o movimento dos Cursilhos de Cristandade na América Latina": "linhas teológicas" e "linhas pastorais". Enquanto o primeiro documento é fruto do trabalho da delegação venezuelana, o segundo resulta de comunicações de delegados de 15 países latino-americanos. As páginas finais do volume (240-254) são dedicadas às "conclusões, acordos e declarações".

R. P.

HARING, Benhard: La Moral y la Persona, versão castelhana de Alejandro E. Lator Ros, 248 pp., 14,1 x 21,6 cm, Editorial Herder, Barcelona, 1973.

Este livro do conhecido autor de "A Lei de Cristo" certamente se presta para repetidas leituras e consultas sobre numerosas questões do mundo cristão contemporâneo. Poderia inclusive servir de texto para um curso de Teologia Moral. Pretende a obra mostrar que o homem não deve fixar só a atenção para as leis proibitivas, mas antes de mais nada se deve ver o dinamismo da vocação humana que convida a uma prática e inteligência mais perfeitas do amor. Segundo o próprio autor (p. 10) "a maneira de abordar a ética, e concretamente cada princípio moral particular, tem necessidade de ser reexaminada em cada época; a moral deve justificar-se em razão do bem e da comunidade das pessoas. Não se pode submeter ninguém a uma ética ou a um código moral que ofende a dignidade da pessoa e o sentido de responsabilidade pela comunidade e pelo futuro da humanidade".

L. M.

LÄPPLE, Alfred: As origens da Bíblia. Subsídios para a leitura da Bíblia e a pregação, tradução do original alemão de Belchior Cornélio da Silva, 154 pp., 21 x 13,5 cm, Editora Vozes, Petrópolis, 1973.

Läpple, mais uma vez, se aproxima aos livros bíblicos, tentando, na medida do possível e do estado atual da ciência exegética, dar uma pré-compreensão da Bíblia que possibilite sua posterior leitura. O homem atual que lê a Bíblia, dificilmente chega a penetrar no sentido que ela tem. A mentalidade, a cultura, a época, os acontecimentos históricos próprios àqueles povos nômades nos que as primeiras tradições familiares sagradas foram surgindo, são tão diferentes da nossa época que só dificilmente o leitor moderno pode chegar a sintonizar em algum grau com o pensamento e a mensagem que os livros sagrados tentam nos transmitir.

O livro tenta expor sobretudo a formação dos livros sagrados através dos quatro mil anos da história da humanidade. A primeira parte, correspondente ao Antigo Testamento, traz, considerando cada um dos livros, a origem, desde as tradições mais remotas orais, até sua fixação escrita, depois de passar por todas as vicissitudes próprias de um povo nômade tribal. A segunda parte considera os escritos todos dos primeiros tempos do cristianismo, seu surgimento, sua formação até que foram fixados tal e como hoje nós os encontramos. Todos os problemas de tempo, espaço e autor dos escritos, sua evolução e sua "canonização", são tratados de acordo com a mais moderna exegese.

Em conjunto, podemos dizer que a leitura deste livro é indispensável para o leitor de hoje dos textos sagrados. Sem esta compreensão, a leitura da Bíblia tem o perigo de ficar desvirtuada. Este novo livro de Läpple tenta ser uma ajuda não tanto para os exegetas e cientistas da Bíblia, quanto para os leigos e estudiosos em geral e para todo o povo cristão, onde não é difícil encontrar visões deformadas e conhecimentos superados de exegeses bíblicas ultrapassadas. O livro, portanto, oferece ao leitor cristão atual uma possibilidade importante de "aggiornamento" de compreensão da verdade bíblica, tanto religiosa como histórica, e, portanto, uma possibilidade de atualização da própria fé.

A. C.

RATZINGER, Joseph: **Fe y futuro** (Col. Pedal, 3), tradução do original alemão de Antonio Caballos, 88 pp., 18 x 12 cm, Ed. Sigueme, Salamanca, Espanha, 1973.

Retomo na apreciação deste valioso opúsculo o que escrevi sobre a tradução portuguesa (Perspectiva Teológica IV (1972) n.º 6 184 s.).

O livro reproduz cinco conferências sobre "fé-futuro" pronunciadas pelo autor (p. 11).

Ninguém pode negar as dificuldades pelas quais passam os cristãos em manter sua fé no mundo de hoje. Os próprios crentes "se perguntam se a fé cristã ainda tem futuro ou se ela não estaria de fato, sempre mais claramente superada pela evolução intelectual" (p. 14), acentuadamente positivista, e pelo futuro intramundano.

As reflexões do autor levam o leitor cristão a não fechar os olhos ante as reais dificuldades com as quais se defronta a sua fé. Entre outras dificuldades podem ser mencionadas as que surgem a partir de um pensamento científico positivo, que parece negar conteúdos da fé; dificuldades do pensamento pluralista filosófico de hoje, fortemente influenciado pelo positivismo, que, privando a fé de sua racionalidade, a tornam praticamente irrealizável; dificuldades a partir do homem moderno, que planeja e realiza o seu futuro intraterreno, esquecendo a relação deste futuro com o escatológico e querendo salvar a si e a humanidade unicamente com suas forças humanas; dificuldades a partir de dentro da própria revelação, da história da Igreja, da fé, muitas vezes reduzida a um sistema de conhecimentos, de sentenças, que em sua forma e em seu conteúdo podem tornar-se um peso para quem quer crer.

O autor através das cinco conferências procura mostrar o *que não é a fé* (concepções errôneas); tenta descrever o *que é a fé*, não tanto a partir de definições, mas a partir de homens que viveram a fé, como por exemplo Abraão; apresenta a fé em relação a Cristo, à comunidade cristã, ao futuro intraterreno e escatológico.

As reflexões do autor podem ajudar ao cristão a purificar a sua concepção sobre a fé e a vivê-la no mundo de hoje e de amanhã. Uma fé sincera e verdadeira não fecha nem o homem, nem o mundo sobre si, não aliena o homem da realidade intraterrena, mas lhe dá a verdadeira dimensão da existência: abre-o individual e coletivamente ao inter-relacionamento pessoal, em Cristo, com Deus, iniciado nesta vida e plenificado na eternidade. Desta forma a fé, apesar das dificuldades, que sempre surgirão, não só tem sentido hoje e no futuro, mas é a única atitude que pode levar os homens à sua plenitude, contanto que a própria fé e a Igreja da fé permaneçam fiéis a si mesmas.

C. L. B.

COUGHLAN, Peter y PURDUE, Peter: **Comentario al Lecionario Dominical — Ciclo "C"** (Col. Cristo Hoy, n.º 15), tradução de Félix Álvarez, 270 pp., 21 x 15 cm, Ed. Sal Terrae, Santander, Espanha, 1973.

Sente-se o sopro conciliar nesta obra, que tem a vantagem de certa simplicidade, sem simplismo. Pode ser muito útil a sacerdotes que precisam preparar os sermões dominicais, como também para todos os que desejarem um comentário sobre as leituras dominicais do Ciclo "C", da nova reforma litúrgica.

R. P.

CERFAUX—HAMANN—LEPARGNEUR—COGNET—RÉGAMEY—DELCHARD: A oração. Problemas da vida religiosa, traduzido do original francês por Luiz João Gaio (Col. Oração e Ação, Nova Série, n.º 1), 22 pp., 19 x 11 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

O assunto é de capital importância para a vida cristã. Os autores dos diversos capítulos por si só recomendam a leitura do livro. Nos momentos em que passamos, em que de alguma forma os ataques mais violentos contra a oração já passaram, e retorna-se a uma compreensão mais profunda da oração cristã, as presentes reflexões são um contributo para uma compreensão aprofundada da oração cristã e sua vivência. A. Hamann, no primeiro capítulo, apresenta "A oração do Antigo ao Novo Testamento". Dignas de menção são as reflexões sobre "a oração pessoal de Jesus" e seu lugar único em toda a história. Ao escrever sobre a "oração cristã", o autor limita-se ao Pai-nosso, mostrando sua conexão com as orações do Antigo Testamento, como a sua novidade, de acordo com o "novo" trazido por Cristo. L. Cerfaux apresenta-nos "A oração no cristianismo primitivo". Em rápidas pinceladas mostra alguns traços característicos da oração de diversas comunidades cristãs primitivas, sua relação às "lições de Cristo" e às orações dos judeus. A novidade da oração cristã não é o fato da oração, mas a atitude da qual brota, a exemplo e em união com a oração de Cristo. No terceiro capítulo, o mais longo do livro, Fr. Lepargneur desenvolve uma teologia da oração, baseada principalmente em São Tomás, cujos princípios continuam válidos. Nesta teologia da oração, percebe-se a falta de ulteriores aprofundamentos. L. Cognet em "Oração cristã", desenvolve brevemente o que julga ser o fundamental e característico da oração cristã, juntamente com os diversos tipos de oração. Dá uma sucinta e clara visão. P. R. Régamey discorre sobre "As condições de vida favoráveis à oração". É conciso e concreto em suas sugestões. Élie de Jésus Marie apresenta-nos, com simplicidade, os princípios práticos da oração interior. Partindo de problemas reais que dificultam a oração, ele mostra como podem ser superadas. No último capítulo, P. A. Delchard escreve, com propriedade, sobre o sempre candente problema da relação entre oração e apostolado: "Enriquecimentos recíprocos e unidade da vida de oração e da vida apostólica".

O livro, rico em conteúdo e orientação, é um auxílio não só para uma melhor compreensão da oração mas também para a própria vida de oração.

C. L. B.

OLIVEIRA, P. José Fernandes de: A comunidade Jovem (Col. Encontro, n.º 1), 106 pp., 19 x 12 cm, Ed. Paulinas, São Paulo, 1973.

As páginas de abertura e conclusão são do P. Zézinho S.C.J. O restante é constituído por úteis "anotações" (como o quer o autor, p. 7) sobre comunidade jovem, considerações dirigidas aos mesmos participantes.

Oportunas, bem colocadas e breves citações bíblicas e conciliares, atenção ao espírito, observações práticas, indicações precisas para leituras dão grande valor à obra, que tem a virtude da simplicidade de intenção e de realização.

R. P.

CÉSAR, Waldo a.: **Para uma sociologia do protestantismo brasileiro** (Coleção TRILHAS — 2), 48 pp., 18 x 12 cm, Ed. Vozes S. A., Petrópolis, 1973

A coordenação da Coleção TRILHAS está de parabéns por este lançamento que vem fornecer um ótimo material de trabalho e reflexão especialmente para estudiosos da sociologia religiosa em nosso país.

O autor, já amplamente conhecido através de seus estudos publicados em diferentes revistas e atualmente Diretor do Centro de Estudos, Pesquisa e Planejamento no Rio de Janeiro, expõe no presente caderno sob o título "Para uma sociologia do protestantismo brasileiro" uma rica documentação crítica das obras e pesquisas mais importantes para um estudo dentro deste tema.

Além de se tratar de um ingente levantamento sociográfico iniciado, o trabalho se destaca pelas ricas hipóteses que acena no decorrer das críticas breves mas perspicazes feitas aos autores referidos.

J. I. F.

YVONNE, M. Marie, O. S. B.: **Cartas a um ateu**, tradução do original francês de Danilo Vieiro (Col. Oração e Ação, Nova Série, n.º 8), 176 pp., 19 x 11 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1973.

No próprio dizer da autora, o livro nada mais é do que um testemunho. Um testemunho de Deus presente em sua vida.

Yvonne é religiosa da ordem beneditina. Sua vocação? Moça, linda e inteligente, era atriz da "Comédie Française". Certa noite, em Genebra, entre os aplausos de uma das mais sofisticadas platéias européas, ela percebeu o chamado de Deus. Não duvidou: "amanhã deixo o teatro e entro para o convento". E foi!

Com as cartas de que se compõe o livro ela exerce a forma mais autêntica de apostolado moderno. As cartas são um cântico de fé, de amor a Deus e ao próximo. Nelas a autora traz as colocações e os questionários propostos por diversos descrentes. A pedido deles, ela lhes fala da Voz que a chamou à vida religiosa, da vocação, do seu encontro com Deus, dos sofrimentos, da graça, da fé. A autora apenas questiona os seus destinatários. Não os obriga a crer. Não quer "mexer" com a liberdade de Deus. Renova reiteradamente sua profissão de fé; fé total sem raciocínios e argumentações; pura e simples. Fala de suas viagens, visitas, encontros e amizades com ateus, estudantes e pobres. Pergunta-lhes o que pensar sobre o ateísmo, sinceridade, fé, caridade, jovens, sacerdotes, doentes. Sabendo da admiração de ateus por certos sábios e ilustres cristãos autênticos, fala-lhes de sua fé, de seu testemunho de Deus e pede-lhes que reflitam. Fala-lhes da Eucaristia, que propicia a evolução espiritual e a conversão. Não se cansa de escrever sobre a oração para aqueles a quem a oração é inconcebível. Seus correspondentes ateus têm verdadeira sede de suas experiências espirituais. O estilo é vivo, cativante e convincente. Não deixa, entretanto, de respeitar ao máximo a liberdade dos que não pensam como ela. O livro foi escrito num clima de júbilo. É fruto de alegria, geradora de paz.

A. P.

METZGER, Martin, História de Israel, tradução do original alemão de N. Kirst e S. Schneider, 214 pp., 21 x 15 cm, Editora Sinodal, São Leopoldo, 1972.

Este volume inaugura uma série de traduções de obras básicas no campo das principais disciplinas teológicas, patrocinada pela Editora Sinodal. Empreendimento esse a merecer nosso maior louvor e apoio: louvor, porque tudo quanto favorece estudo, reflexão e aprofundamento duma teologia que nos humaniza e faz realizar o sentido da vida merece foros de gratidão e congratulação; apoio, porque, adquirindo e lendo tais obras básicas, nós nos enquadraremos no grêmio dos que tentam colaborar para o bem moral de nossa espécie.

A seriedade do autor patenteia-se nas obras principais que consultou: Gressmann, Pritchard, Noth, v. Rad, Galling; no estilo sem retórica grave, conciso. Compõe-se o livro dum breve prefácio (p. 9), duma introdução (11-17), de 10 capítulos (18-207), duma conclusão (207-213), contendo árvores genealógicas, tabelas cronológicas e dois mapas: da Palestina na época do Antigo Oriente e no período helenístico-romano.

O capítulo 1.º abarca a época anterior à vida sedentária (patriarcas, saída do Egito). O segundo descreve a tomada de Canaã pelos Israelitas, à base das pesquisas de A. Alt, Noth, Albright, Wright, Bright, não definitivas ainda, com recurso aos indícios espalhados no A. T., a considerações histórico-territoriais, arqueológicas e sociais.

O terceiro capítulo trata do período pré-estatal; o 4.º e 5.º do primeiro reinado em Israel (Saul, Davi, Salomão, seu progresso) e da divisão em dois estados autônomos: reino do N.: Israel, reino do Sul: Judá. O 6.º e 7.º tratam do fim do reinado do N. pelo impacto avassalador da Assíria, impondo suserania até no reino de Judá; surgimento do poder da Babilônia que por seu turno conquista e assola Jerusalém, seguindo-se o cativoiro. O 8.º e 9.º descrevem a existência do povo eleito sob a soberania dos Persas (reconstrução do Templo, Colônia judaica de Elefantina); no período helenístico (reinado dos Hasmoneus).

O décimo capítulo, último, versa sobre o período romano até a época da revolta de Simão Ben Cosba ("O tempo está cumprido": N. Sr. J. Cristo; destruição de Jerusalém no ano de 70). Como Conclusão segue: O antigo e o novo povo de Deus, uma como síntese dos princípios que regem a História da salvação.

"História de Israel" prestará relevante serviço de informações seguras, perspectivas histórico-teológicas, sobretudo a estudantes de teologia, professores de religião, pregadores. É volume que honra a Editora Sinodal e cada biblioteca.

A. B.

BREUNING, W.: Jesus Cristo o Salvador (Col. Nossa fé, n.º 4), tradução do original alemão de Odilon Jaeger, S. J., 172 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1972.

Alguém disse que é preciso distinguir entre teologia contemporânea autêntica, e a mera demagogia teológica contemporânea. Certamente esta Cristologia, que bem figura numa coleção destinada sobretudo a leigos, não é demagogia. A explicação corre simples, clara, sem falsos aparatos, mas com precisão científica. Contudo pede um nível aos leitores que ainda não é o da massa do laicato brasileiro. Excelente para estudantes de teologia.

R. P.

HAMEL, Edouard, S. J.: **Los diez mandamientos** (Col. Teología y mundo actual, n.º 33), tradução do original francês de Gonzalo Higuera, 148 pp., 21 x 16 cm, Ed. Sal Terrae, Santander, Espanha, 1972.

É um fato eclesial que o Decálogo da Antiga Aliança continua sendo central para a catequese cristã, inclusive apesar das censuras a seu minimalismo e juridismo. O autor procura levar-nos a uma avaliação justa, colocando-nos primeiro no contexto histórico original dos Dez Mandamentos. A seguir estuda como eles surgem com Cristo, Paulo e João: "Mostraremos como Jesus Cristo e Paulo (e João) retomaram, reinterpretaram, completaram e unificaram o Decálogo". Sua conclusão é de que "posto a serviço da moral do Novo Testamento, o Decálogo se cumprirá verdadeiramente". Não é uma obra propriamente de exegese, mas de teologia bíblico-moral. As vezes nos deixa um pouco desejosos de maior aprofundamento. Assim a discussão sobre o 6.º Mandamento nos sinóticos (pp. 103-107) nos parece demasiadamente breve. Trata-se de uma contribuição importante e que não pode ser deixada de lado para a urgente e necessária renovação dos estudos de moral cristã.

R. P.

HIPÓLITO DE ROMA: **Tradição Apostólica. Liturgia e catequese em Roma no século III**, tradução de Maria da Glória Novak, introdução de Maucyr Gibin, S. S. S. Em apêndice: **Textos catequético-litúrgicos de São Justino Mártir** (Col. "Fontes da Catequese", n.º 4), 100 pp., 21 x 14 cm, Vozes, Petrópolis, 1971.

SANTO AMBRÓSIO: **Os Sacramentos e os Mistérios. Iniciação cristã nos primórdios**, introdução, tradução e notas de Dom Paulo Evaristo Arns OFM, comentários do Côn. Dr. Geraldo Majella Agnelo (Col. "Fontes da Catequese", n.º 5), 112 pp., 21 x 14 cm, Vozes, Petrópolis, 1972.

Numa Igreja do após-Vaticano II, que decidiu renovar-se para melhor servir aos homens de hoje, não podia estar ausente a "volta às fontes". A Igreja dos tempos apostólicos e a Igreja dos Santos Padres se tornou, de forma privilegiada, prototípica de um estar no mundo a serviço dos homens. Em boa hora a Editora Vozes começou a divulgar entre nós alguns escritos dos Santos Padres, inimitáveis pregadores do Evangelhos. Os dois opúsculos em questão nos apresentam preciosos documentos, indispensáveis para quem quer, hoje, beber nas genuínas fontes da tradição cristã. Muito se tem escrito entre nós do vício da sacramentalização intempestiva e desvinculada de uma autêntica evangelização. Santo Ambrósio, numa linguagem simples e de grande comunicabilidade com seus ouvintes, apresenta os sacramentos da iniciação, explicando, principalmente, o sentido dos ritos, símbolos e orações. Hipólito nos descreve a beleza viva da liturgia do povo cristão, verdadeira "festa" dos que celebram sua fé e a presença da graça redentora de Deus. Justino nos dá a primeira descrição minuciosa da celebração eucarística dominical. A simplicidade, a piedade e a alegria perpassam esses textos e se comunicam com naturalidade ao coração dos que os lêem. O estudo e a meditação de tão veneráveis páginas poderão ser de grande proveito para os pastores, os catequistas e demais agentes de pastoral de hoje.

B. B.

GIL, Cesareo: 7 Temas para dirigentes de Cursilhos de Cristandade (Coleção "Cursilhos de Cristandade, n.º 3), tradução do original espanhol de Luís João Gaio, 222 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1973.

Esta obra consta da reunião de "rollos" dados na Escola de Dirigentes de Cursilhos de Caracas. Leva a sério o caráter vivo do movimento, o problema da fidelidade à inspiração original, que inclui adaptação e reforma: "os Cursilhos de Cristandade nasceram com um critério de adaptação", é dito no primeiro tema: "Os Cursilhos de Cristandade e a adaptação". O 2.º tema explicita o "slogan" (sic) cursilhista: "O fundamental cristão". O 3.º tema quer conduzir "Para um encontro mais vivencial com Deus nos Cursilhos". O 4.º tema desenvolve "O compromisso temporal cristão". O 5.º tema aborda: "A cristandade como objetivo dos cursilhos". O 6.º tema apresenta um "Roteiro sobre a psicologia do neoconvertido nos cursilhos". O 7.º tema trata dos "Cursilhos de Cristandade, escola de espiritualidade". Segue-se uma breve conclusão: "Momento mais perto de Cristo", onde encontramos o seguinte parágrafo: "Ao ler o que precede, pode ser que alguém sinta tentações de perguntar: onde está a originalidade deste trabalho? Respondo com a sinceridade própria dos cursilhistas: não há originalidade. A não ser que se considere original aquilo que sempre se disse: que não há espiritualidade cursilhista, mas espiritualidade cristã". Por isso mesmo seria pena que o título do livro restringisse sua utilização apenas a dirigentes cursilhistas. Na verdade ele pode ser bem aproveitado por qualquer cristão de cultura média ou superior, leigos, religiosos, estudantes seminaristas, sacerdotes.

R. P.

VOILLAUME, René: Onde está a vossa fé (Col. Oração e ação, n.º 6), tradução do original francês de Luís João Gaio, 304 pp., 19 x 11 cm, Ed. Paulinas, São Paulo, 1973.

O livro nos apresenta palestras do conhecido sucessor do grande P. Charles de Foucauld dadas em um retiro de cristãos da "Fraternidade secular", ligada à família espiritual do P. Foucauld. Este retiro foi pregado em 1968, de 2-6 de agosto.

A primeira palestra é de especial interesse: religiosos ou leigos, acostumados aos retiros, sentem a dupla tendência de que nos fala o autor: encontrar-se com os irmãos, interiorizar-se. Seu título: "Inter-câmbios e solidão".

Jesus Cristo é o grande tema de R. Voillaume. Assim o capítulo "A fé na Igreja" abre com a meditação sobre Ele, que é a Ressurreição. Esta fé ocupa posição central em todas as palestras: "Nossa fé em Jesus Cristo", "A fé na Igreja", "A fé e suas certezas", "A fé em Deus Criador e Pai", manifestada em Jesus Cristo", "A dimensão contemplativa da vida de fé", "A fé diante das interpretações do mundo", "A fé no pão da vida".

O retiro, começado na solidão, termina como o de Cristo, no deserto em: "O engajamento apostólico", depois de consideradas "As novas exigências do preceito do Senhor".

Esta obra é excelente para a leitura e oração pessoal de cristãos ativos de cultura média. Seria particularmente útil para aqueles que servem à Palavra de alguma maneira, especialmente dando retiros.

R. P.

Instituto Fe y Secularidad: Convicción de fe y crítica racional, 406 pp., 21,5 x 13,5 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1973.

O livro recolhe conferências e debates de uma semana de reflexão, havida em Madrid, entre 31/5/71 — 4/6, sobre o problema de Deus e a crítica da razão. Trata-se certamente de um problema complexo, nem sempre abordado com a devida clareza e adequada linguagem pelo pensamento teológico dos últimos decênios.

Devemos a iniciativa desta semana ao Instituto Fe y Secularidad. Como mostra o temário, o problema é abordado a partir de diversos ângulos, a saber, a partir da teologia católica e protestante desde o Vaticano I, da filosofia cristã, das ciências naturais, e a partir das diversas filosofias vigentes, etc. Os debates que seguem às conferências podem ser interesse, em certos casos, porque oferecem uma aclaração e muitas vezes um complemento do assunto exposto.

Trata-se evidentemente de um projeto ambicioso; embora não pudesse ser realizado em toda a amplitude e profundidade, não deixa de prestar um bom serviço aos estudiosos do tema; ataca o fideísmo cómodo de uns e o olvido não menos cómodo de outros; põe em evidência a crítica racional da fé, atualizando-a. Tudo isto representa uma valiosa contribuição, que pode servir de base para um desenvolvimento ulterior.

S. A.

VOILLAUME, René: Relações interpessoais com Deus (Col. Oração e Ação, Nova Série, n.º 5), traduzido do original francês por F. S. Luza e C. R. Mahl, 220 pp., 19 x 11 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1973.

René Voillaume é um dos intérpretes mais autorizados dos pensamentos do P. Charles de Foucauld. O volume apresenta-nos 5 conferências do autor, pronunciadas por ocasião da Assembléia Geral Extraordinária da Conferência dos Religiosos do Canadá. Em "Exigências de Consagração", Voillaume apresenta em breves traços, a partir da experiência da vida religiosa dos Irmãozinhos e Irmãzinhas de Jesus, "a necessidade das exigências de uma vida totalmente consagrada a Deus" (p. 12), para uma "vocação vivida no contato com o mundo moderno" (p. 11). Percorre rapidamente "o fim principal" da vida religiosa, e "os meios essenciais" para vivê-la. Em duas palestras, "Intimidade com Cristo" e "O problema da oração no mundo atual", aborda com profundidade e amplitude, sob diversos prismas a realidade e necessidade da oração. Difícil, principalmente em nossos dias, é a missão dos superiores. Em "Missão espiritual dos Superiores", Voillaume, baseado na própria experiência, trata principalmente da "espiritualidade do superior" (p. 141), em sua missão de "pastor" dos seus irmãos, e de "administrador" na gestão do temporal, abordando neste último aspectos importantes relativos à pobreza religiosa. Na última palestra: "A Virgem Maria", o autor reflete "sobre três aspectos da vida de Maria" (p. 182): "A simplicidade da vida cotidiana de Maria"; "As relações entre Maria e Jesus" e "Maria Hoje". O livro deixa transparecer uma espiritualidade profundamente evangélica, adaptada aos tempos de hoje.

A. P. C. B.

SCHMITT, Johannes Peter Paul: Dedo de Deus. Reflexões de um jovem, 84 pp., 21 x 15 cm, Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1973.

Torna-se difícil, nos nossos tempos, crer que a juventude — tachada muitas vezes de materialista e descrente — se ocupe de reflexões sadias, de natureza transcendente. Felizmente, esta realidade ainda existe, e não longe de nós. E este livro quer ser um testemunho das “reflexões de um jovem”. Reflexões, não sofisticadas e polidas, e sim, simples depoimentos e vivências pessoais.

“Compostas de pensamentos das mais variadas origens, estas reflexões têm o seu berço ora nos Evangelhos, ora nos ensinamentos de grandes pensadores e sábios, ora mesmo nos ditos populares. Muitos destas reflexões são originais e procedem realmente da meditação sobre tal ou qual problema ou idéia.”

Estas páginas, em síntese, querem ser um monumento de confiança e esperança numa juventude sempre mais sadia e autêntica: “Acreditamos sempre que a vida vale a pena de ser vivida”. Esta frase resume a linha mestra das reflexões.

Este é um livro que não se dedica apenas aos jovens de nosso tempo, mas a todos aqueles que apreciam a simplicidade e confiam no “grão de mortarda” do século XX: a juventude. Acredito, de outra parte, que não há jovem que não se deixa entusiasmar pela filosofia de vida de J.P.P. Schmitt, apresentada numa linguagem tão original.

C. S.

FUCHS, Josef: Existe uma moral cristã? Questões críticas num tempo de secularização (Col. Teológica, 7), tradução dos originais por Luiz João Gaio e Clemente Mahl, 242 pp., 21 x 14 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

Trata-se de uma coletânea de seis trabalhos, artigos e conferências, feitos pelo autor em circunstâncias diversas. Todos eles giram ao redor de um único tema: Moral Cristã. Como diz o subtítulo, eles abordam “questões críticas”, com que se defronta a Teologia Moral, desde a segunda guerra, à procura de uma resposta.

No primeiro capítulo estuda o caráter especificamente cristão da nossa moral; mostra que a opção por Cristo e pelo Pai de Jesus Cristo atua no comportamento moral de todos os dias sem contudo determiná-lo relativamente ao conteúdo; este é sempre autenticamente humano, o autor tece considerações sobre este “humano”, o “humanum”, ou direito natural.

O segundo capítulo é uma reflexão sobre o progresso humano como verdadeiro mandato do homem. Fala das dificuldades com que esbarra uma avaliação teológico-moral do progresso; não deixa, porém, de mostrar o seu caráter religioso-moral. — Nos demais capítulos aborda temas candentes como: relações da teologia moral com a dogmática, liberdade fundamental e moral, teologia moral e vida teológica, teologia da liberdade de religião. Não é intenção do autor ditar soluções feitas, mas apresentar esses problemas em toda a sua complexidade para assim levar a uma reflexão séria. É precisamente isto que recomenda a leitura deste livro para todos os que hoje se vêem a braços com tais problemas.

S. A.

SANTO AGOSTINHO: A instrução dos catecúmenos. Teoria e prática da catequese (Coleção Fontes da Catequese, 7), tradução do original latino e notas de Maria da Glória Novak. Introdução do Pe. Hugo de V. Palva, 128 pp., 21 x 13,5 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1973.

A Editora Vozes brindou os leitores brasileiros com mais um volume da coleção Fontes da Catequese. Trata-se da obra de S. Agostinho "De catechizandis rudibus" numa ótima tradução de Maria da Glória Novak, com introdução do Pe. Hugo de V. Palva. Os editores da coleção merecem aplausos pela escolha, pois "De catechizandis rudibus" é extraordinariamente atual, apesar de escrito há quase dezesseis séculos. A perspicácia psicológica de S. Agostinho, seu espírito verdadeiramente católico (universal, aberto) manifestam-se magnificamente nas indicações práticas sobre o método catequético. A sensibilidade à situação, mentalidade e estado de espírito do ouvinte fala da preocupação primordial de adaptar-se às possibilidades de cada um. O modelo mais longo de catequese (apesar de todas as suas limitações) continua válido como exemplo de doutrinação centrada na história salvífica. Sua admoestação: "... mais se deverá falar a Deus sobre ele (o catecúmeno), do que de Deus a ele" (p. 61, tradução do recenseador), poderia oferecer assunto de reflexão não só a catequistas...

F. T.

RODRIGUES, Jocy: Meditações sobre a felicidade, 28 pp., 18 x 12 cm, Editora Vozes, Petrópolis, 1973.

O autor apresenta dez meditações em torno das oito bem-aventuranças. São reflexões bem breves, muito simples, práticas e reais. Desejam levar o leitor-orante a viver com mais otimismo e esperança, com mais sentido e alegria a vida diária, vivida à luz da revelação. As meditações nos apresentam o que poderíamos chamar os Dez Mandamentos do Novo Testamento.

A. P.

VOILLAUME, René: A vida religiosa no mundo de hoje, tradução do original francês de Atico Rubini, 294 pp., 20 x 13 cm, Ed. Paulinas, São Paulo, 1973.

O autor tem percepção clara das limitações que sofre ao ceder a pedidos de publicar palestras, tanto mais quando se trata, como no caso, de conferências esparsas. Mas os que lhe pediram esta publicação sabiam que teríamos em mão uma obra espiritual de excelente nível. Como falava a religiosos, geralmente, o autor teve em conta os grandes interesses comunitários: fé, vocação, recrutamento e vocação, fundamentos da vocação, elementos essenciais, o amor de Jesus e a oração, dimensão contemplativa, retiro, castidade. Não faltam os problemas da liberdade, renúncia e regras, vida comunitária e obediência. Nem aspectos mais estruturais: pequenas comunidades e reestruturação do governo, tema este tratado em apêndice. Destacamos o capítulo sobre a pobreza religiosa, no qual o que guia o autor é a realidade de que "Jesus viveu como pobre, mas sem pobreza excessiva. Entrou na vida partilhando a sorte da massa dos homens, aos quais ninguém dá atenção" (p. 233).

R. P.

BOROS, Ladislaus: *Dios cercano*, tradução do original alemão por Ramón M.^a Sans Vila, 94 pp., 18 x 12 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca (Espanha), 1973.

Boros nos apresenta quatro palestras para um dia de "retiro espiritual". Deseja apenas dar uma introdução, para que cada pessoa encontre mais profundamente a Deus, fonte da vida, na própria oração (cf. pp. 9-11). Na primeira palestra, "*Dios nos habla*", o autor nos apresenta a Deus, que vem de encontro ao homem, que o interpela para uma missão, nas mais diversas circunstâncias. Na segunda, "*Huida del hombre ante Dios*", são abordados a "ausência" de Deus, um certo temor e fuga do homem ante o apelo divino, e o próprio "não" a Deus, o pecado. Na terceira palestra, "*Salvación en la caída*", o autor mostra como o homem pode encontrar Deus nas limitações, nos sofrimentos, nas fugas. A misericórdia de Deus é incansável no interpelar ao homem. Na última palestra Boros desenvolve, sob diversos prismas, "*La bondad de Dios*".

Como elxo das considerações, nos quatro capítulos, Boros toma o livro do profeta Jonas, aproveitando-o muito bem, sem deixar de enriquecer as considerações com o Novo Testamento e com pensamentos de teólogos. As considerações são um convite para encontrarmos a Deus, de um modo sempre mais purificado, em todas as circunstâncias da vida.

C. L. B.

FABER, Heije — VAN DER SCHOOT, Ebel: *A prática da conversação pastoral*, tradução da edição alemã por Sílvio Schneider, 232 pp., 21 x 15 cm, Editora Sinodal, São Leopoldo, RS (Brasil), 1973.

O tema deste livro, como já o indica o título, é a conversação pastoral. A conversação é a forma mais comum de comunicação. Numa época como a nossa em que se multiplicam os conflitos interiores, em que a angústia se alastra, mais pessoas procuram orientação e ajuda junto de outros, psicólogos, psiquiatras, sacerdotes e pastores. Fez-se a experiência que este modo de comunicação entre pessoas não é coisa muito fácil. Tornou-se pois objeto de estudo, de reflexões e de pesquisas de parte de pessoas sinceramente interessadas em prestar uma ajuda e orientação mais eficaz aos irmãos necessitados. Estudaram pois o comportamento tanto das pessoas que buscam ajuda e orientação junto de outros, como também o comportamento das pessoas que são abordadas para este fim. Desses estudos, pesquisas e reflexões surgiram diferentes métodos e técnicas conhecidas na psicoterapia, no "counseling" e na conversação.

É natural que esta forma de comunicação ganhasse também importância na pastoral das igrejas. Pois muitas pessoas procuram ainda hoje orientação junto de seus pastores em suas aflições. Nada mais justo e caridoso que o pastor saiba como tratá-las para lhes oferecer uma ajuda e orientação mais eficaz. Mas não só os pastores, senão também todos os que desempenham alguma função no âmbito das igrejas, como diaconisas, auxiliares paroquiais, líderes de juventude, pessoas que se dedicam ao trabalho social, etc. encontrarão neste livro valiosas orientações para desempenharem suas funções em maior proveito.

S. A.

RUEDA, Basílio: Apologia e desmitização da vida comum (Col. Eu sou aquele que serve, n.º 9), 200 pp., 20 x 13 cm, Ed. Paulinas, São Paulo, 1973.

Trata-se de um livro de bom senso a respeito da vida comunitária religiosa. O autor toma como ponto de partida a consideração do *Tipo de homens com que se constrói a vida comunitária*. Não descuida nem da *Comunidade Realidade natural*, nem da *Dimensão misteriosa da comunidade*, para chegar à discussão das *Etapas para construção dinâmica da vida comunitária*. Pode, então, o autor lançar suas vistas sobre a *Vida comunitária em relação aos outros elementos da vida religiosa e eclesial*, como, por exemplo, os votos, vida comum e diferenças na vida religiosa, valores pessoais e eclesiais. A sexta e última parte vai à *Renovação da vida comunitária*, cuja leitura atenta pode ser ocasião para fazer-se um diagnóstico da situação da comunidade, e da situação pessoal na comunidade.

R. P.

VIÑAS, Teófilo: Roteiro de vida jovem, 152 pp., 18 x 12 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1973.

A primeira dificuldade que surge a respeito deste lançamento é a da linguagem: "...nesta hora em que apagas as estrelas e acendes o cirio real...", ou "...estou vendo meu dia em formação perfeita como se fora um lindo painel, que hei de preencher dos mais lindos desenhos...", linguagem que talvez não seja a mais comunicativa para grande parte de nossos jovens. Outra dificuldade é o caráter fortemente ascético e disciplinativo da obra. Falta-lhe uma inspiração bíblica, um tom menos paternal, de adulto que se dirige a "meu caro jovem" (na dedicatória). Ainda não é o roteiro de vida jovem. Poderá servir, enquanto aguardamos melhor sugestão, para colocar em mãos de alguns jovens de nossos movimentos católicos, que tenham tido uma experiência mais viva, pessoal e livre de oração e cristianismo. Em outras mãos corre o risco de ser agente de formação de um "cristão de práticas", que não acaba de conseguir estar à vontade na casa do Pai.

R. P.

DE DIÉTRICH, S.: O Desígnio de Deus. Roteiro Bíblico, tradução da Edição francesa da Irmã Manoelita de Sion, 250 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1972.

Numa tradução, às vezes um pouco rebuscada, a Loyola nos apresenta uma obra que procura fazer perceber ao leitor médio a unidade fundamental da mensagem bíblica. Podemos perguntar se, quando empreende uma obra de vulgarização, o Autor não cai de algum modo na caricatura, escrevendo, por exemplo, que os profetas e salmistas bíblicos "são terríveis pregadores de ódio" (p. 6). Mas, basicamente, o livro cumpre sua missão fazendo ressaltar desde "A criação e a queda", através da "História do Povo Eleito", até "O reino de Cristo" e o "Tempo da Igreja", até ao epílogo: "Novos céus e nova terra", a unidade da mensagem da salvação universal.

R. P.

RODRIGUES, Jocy: Meditando as orações, 36 pp., 18 x 12 cm, Editora Vozes, Petrópolis, 1973.

Podemos rezar sempre, em toda parte e de qualquer forma. Onde, quando e como posso amar, posso rezar. Oração é amor. Neste opúsculo o autor publica vinte meditações sobre o Pai Nosso e a Ave Maria. Reflexões breves, simples, cheias de sentimentos poéticos, delicados e religiosos. De cada invocação das duas orações, tradicionais e populares, o autor extrai uma meditação, uma nova criação. Trata-se de uma mensagem espiritual para a vida materializante dos nossos dias.

A. P.

DUPRAT, Maria Cecília de M.: Orações do Dia-a-Dia, 48 pp., 15,5 x 11 cm, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1973.

O livro é uma coleção de orações, que apresenta, como tema central, a vivência cristã de uma senhora mãe. Em cada página encontra-se uma oração de uma mulher cristã, que se dirige a Deus, na trama do cotidiano. É uma obra que vem de encontro ao desejo dos que não se satisfazem na oração, como meros repetidores de fórmulas. São orações que brotam da vida e a exprimem com palavras espontâneas, vindas do coração, com o qual se deve rezar. A obra convida à meditação e leva o orante gradativamente a Deus.

I. B.

GUIMARAES, Almir Ribeiro: Momentos de Oração, 56 pp., 15,5 x 11,5 cm, Editora Vozes, Petrópolis, 1973.

Trata-se de uma compilação de orações, compostas pelo autor e por outros. As orações colocam o leitor diante de si mesmo e de Deus. Os diversos autores fazem vislumbrar a presença de Deus pelos acontecimentos principais, que se sucedem ao longo do ano litúrgico. São orações simples, diálogos concretos, com muito calor humano; orações muito pessoais, saídas das realidades da vida, próprias para diversas situações da vida. O coração fala com Deus, seu Salvador. As orações podem ser utilizadas com proveito não só por indivíduos mas também por grupos de jovens, equipes de casais ou em outras reuniões.

A. P.

GUIMARAES, Almir Ribeiro: Eu quero ver, 46 pp., 18 x 12 cm, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1973.

Em todos os gestos e atos o homem tem um fim em vista; descortinado para uns, velado para outros. Há os que não querem ver e permanecem instalados. A atitude do cristão deve ser a do cego de Jericó: "Senhor que eu veja". Este opúsculo destina-se aos que procuram ver; aos que não se querem fechar sobre seu egoísmo interior. O autor procura convencer ao leitor de que é necessário andar de olhos abertos na vida. Insiste para que o leitor se convença de que não vendo nada, a vida se materializa. Quer que o leitor se encontre cada dia consigo mesmo. Quer despertar o desejo de ver.

I. B.

CARRÉ, A. M.: Por amor do teu amor. Deus e os outros (Col. Oração e ação, n.º 10), tradução do original francês de Luís João Gaio, 194 pp., 19 x 11 cm, Ed. Paulinas, São Paulo, 1973.

A grande mensagem deste livro é que se nossa caridade não for viva, nossa fé está para morrer. E que se nossa caridade e nossa fé forem vivas elas nos levarão a nossos próximos, especialmente ao "setor privilegiado": crianças, desamparados... Esta nossa ida a nossos irmãos nos fará entrar na realidade cristã mais forte e bela: "Você será repleto do Espírito Santo", e: "Você verá os céus abertos".

O estilo se mostra prejudicado por ser mais oral do que escrito. Há outro ponto a considerar: certo pessimismo no autor. A não ser que escreva deliberadamente para cristãos tibios. Falta prefácio que nos apresente o autor e suas intenções.

R. P.

CEGALLA, José: A virgem da unidade. Comentário Espiritual ao Magnificat, 85 pp., 18 x 12 cm, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1973.

Uma das mais belas orações do Novo Testamento é sem dúvida o "Magnificat". Cegalla apresenta nesta obra um comentário sobre o mesmo, dando a compreender ao leitor o papel eminente que Maria exerce na Obra Redentora. O livro é simples e destina-se aos que procuram aprofundar sua piedade filial a Nossa Senhora e viver um pouco da espiritualidade de Maria. Destina-se especificamente aos movimentos de Equipes de Nossa Senhora, Congregação Mariana, Legião de Maria, às religiosas, aos sacerdotes. Cegalla, ou melhor, o próprio Magnificat, coloca o leitor diante de Deus em atitude de humildade. Humildade, que não humilha, mas exalta.

I. B.

MONDEN, Louis, S. J.: Fe, Puede el hombre creer todavía hoy? (Col. Teología y mundo actual, n.º 31), tradução do original inglês de Luiz M. Estibalez, 220 pp., 21 x 16 cm, Ed. Sal Terrae, Santander (Espanha), 1972.

Trata-se de uma obra erudita, que apresenta reflexões em torno da fé. A resposta do autor à pergunta, que ele mesmo se coloca no título, é positiva. Também hoje é possível crer. O bom aparato crítico revela a firmeza do contato do autor com os grandes nomes da crítica bíblica e da teologia moderna. Apresentando de uma forma bem fundamentada e atualizada a possibilidade da fé para o homem de hoje, o livro é recomendado não só aos estudiosos de teologia, mas a todos que desejam, no momento atual, responder às dificuldades que se levantam contra a possibilidade da fé.

R. P.